

METODOLOGIAS ATIVAS E O PAPEL DOCENTE: A SALA DE AULA INVERTIDA E SEUS DESAFIOS COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA

ACTIVE METHODOLOGIES AND THE TEACHER'S ROLE: THE FLIPPED CLASSROOM AND ITS CHALLENGES AS AN ACTIVE LEARNING STRATEGY

Luciana Ferreira Marques¹
Orientadora Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a Metodologia Ativa de Aprendizagem denominada Sala de Aula Invertida, por meio de revisão bibliográfica, com vistas a conceituá-la, descrever suas características centrais e refletir sobre os desafios que envolvem sua aplicação prática. Além disso, discute o papel do docente nesse contexto, destacando sua atuação como profissional pesquisador, capaz de aprender com a própria prática e transformar desafios em oportunidades de ensino e aprendizagem. A metodologia em questão se estrutura na inversão da dinâmica tradicional: primeiramente, o estudante é orientado a estudar conceitos, temas ou problemas fora do ambiente escolar; posteriormente, em sala de aula, esses conteúdos são aprofundados por meio de discussões, atividades práticas, simulações e resolução de problemas, tornando a aprendizagem mais significativa e centrada no aluno. Para seu desenvolvimento, é fundamental o uso de recursos tecnológicos como equipamentos digitais e acesso à internet e a atuação de professores proativos, criativos, comunicativos e capazes de estimular a autonomia dos estudantes na busca pelo conhecimento.

Palavras-chave: Metodologias Ativas de Aprendizagem. Sala de Aula Invertida. Papel Docente. Tecnologias Educacionais. Construção do Conhecimento.

¹Discente, Christian Business School. proflujari@gmail.com.

² Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS. E-mail: rozineide.pereira1975@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0000-6863-7874>



ABSTRACT: This study aims to examine the Active Learning Methodology known as the Flipped Classroom, through a literature review, in order to define it, describe its core characteristics, and reflect on the challenges involved in its practical implementation. Furthermore, it discusses the teacher's role in this context, highlighting their performance as a researcher-professional, able to learn from their own practice and turn challenges into teaching and learning opportunities. This methodology is structured around the inversion of the traditional dynamic: first, students are guided to study concepts, themes, or problems outside the school environment; subsequently, in the classroom, this content is deepened through discussions, practical activities, simulations, and problem-solving, making learning more meaningful and student-centered. Its development relies heavily on the use of technological resources such as digital equipment and internet access and on the work of proactive, creative, and communicative teachers who can encourage students' autonomy in the pursuit of knowledge.

Keywords: Active Learning Methodologies. Flipped Classroom. Teacher's Role. Educational Technologies. Knowledge Construction.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada por mudanças constantes, conectividade e imediatismo, na qual múltiplas atividades são realizadas simultaneamente. Essas características também permeiam o campo educacional, onde o modo de produzir, compartilhar e absorver conhecimento tem se transformado profundamente. Nesse cenário, surgem e se consolidam as Novas Metodologias Ativas de Aprendizagem, adotadas por instituições de ensino com o propósito de tornar o processo educativo mais eficiente, produtivo e relevante para diferentes perfis de estudantes.

Para atender às demandas de um aluno multifacetado, que interage com informações de diversas formas, o professor precisa adotar práticas que coloquem o estudante como protagonista e responsável pela sua própria aprendizagem. Nesse sentido, as aulas exclusivamente expositivas, modelo tradicional no qual o docente ocupa o centro do processo como detentor único do conhecimento, já não atendem mais às necessidades educacionais contemporâneas.

Dentre essas metodologias, este trabalho se dedica a analisar a Sala de Aula Invertida, estratégia que, conforme Schneiders (2018), amplia os limites do ensino convencional e contribui para a organização de espaços de aprendizagem que vão muito além dos encontros presenciais em sala de aula. A seguir, apresenta-se o conceito e as características dessa metodologia, os desafios para sua implementação, as competências necessárias ao docente para atuá-la e, por fim, reflexões sobre sua importância para o ensino híbrido e para a educação atual.]

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sala de Aula Invertida também conhecida como Flipped Classroom é uma das metodologias ativas que mais tem se destacado nos últimos anos, graças à sua estrutura simples e flexível, que pode ou não ser integrada a recursos tecnológicos. Sua base consiste na entrega ou indicação prévia, por parte do professor, de materiais de estudo: textos, vídeos, podcasts, infográficos e outros recursos que permitem ao aluno entrar em contato com o conteúdo antes do encontro presencial.

Essa dinâmica representa uma inversão clara em relação ao modelo tradicional: o estudante estuda no seu próprio ritmo, no tempo e no espaço que lhe forem mais convenientes, utilizando ou não tecnologias digitais como suporte. Já o tempo em sala de aula é reservado para a consolidação do conhecimento, por meio de atividades práticas, debates, resolução de problemas, trabalhos em grupo e experimentação.

Valente conceitua a proposta da seguinte forma:

A sala de aula invertida é uma modalidade de ensino que se aproxima do e-learning, na qual o conteúdo e as instruções são estudados on-line antes de o aluno frequentar a sala de aula. O espaço presencial passa, então, a ser o local para trabalhar os conteúdos já estudados, realizando atividades práticas, como resolução de problemas e projetos, discussão em grupo, trabalhos de laboratório, entre outros (Valente, 2014, p. 85).

A partir dessa definição, é possível identificar traços centrais da metodologia Sala de Aula Invertida:

1. **Centralidade do aluno:** cabe ao estudante buscar conhecimento, aprofundar temas e ir além do que é proposto pelo professor;

2. **Mediação docente:** o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdo para atuar como mediador, orientador e direcionador, auxiliando o aluno a construir uma compreensão sólida dos temas;
3. **Ampliação da comunicação:** a interação entre professor e aluno não se restringe à sala de aula, podendo ocorrer por meio de aplicativos de mensagem, ambientes virtuais de aprendizagem, e-mails ou contatos telefônicos;
4. **Integração com outras metodologias:** conforme Munhoz (2019, apud Buesa, 2023), a Sala de Aula Invertida pode ser combinada com abordagens como o conectivismo, a aprendizagem baseada em problemas e a aprendizagem colaborativa, tornando o ensino ainda mais dinâmico.

A adoção da Sala de Aula Invertida não ocorre sem obstáculos, muitos dos quais ligados à cultura educacional tradicional, à estrutura das instituições e à formação docente. Os principais desafios são discutidos a seguir.

Um dos maiores entraves é a persistência da prática de aulas expositivas, ainda muito utilizada por professores de diferentes níveis de ensino. Bishop e Verleger (2013, apud Pavanelo & Lima, 2017) explicam que o objetivo principal de metodologias inovadoras como essa é justamente deixar de usar o tempo presencial apenas para transmissão de conteúdo, prática que posiciona o professor como detentor do saber e o aluno como sujeito passivo.

Para mudar essa realidade, é necessário compreender que a aprendizagem se dá por construção conjunta, levando em conta o interacionismo como nos aponta Diesel, Baldez e Martins:

Ao educador compete a tarefa de propiciar aos estudantes o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos, facilitando sua aprendizagem. Para tanto, precisa oferecer um ambiente afetivo favorável ao aprendizado e dar espaço para que a voz do estudante seja ouvida (Diesel, Baldez e Martins, 2017, p. 269).

Na Sala de Aula Invertida, essa escuta é fundamental: o aluno deve ter espaço para questionar, pesquisar, debater e propor soluções, prática que se opõe à lógica tradicional.

A pandemia da Covid-19 impôs o ensino remoto e obrigou professores a se reinventarem, mas também expôs uma realidade: a falta de formação adequada e de habilidades tecnológicas gera insegurança e dificuldades para aplicar novas metodologias. Mesmo após esse período, muitos docentes ainda não dominam recursos digitais ou não sabem integrá-los ao ensino de forma significativa.

Segundo Buesa (2023, p. 4), “são pequenos passos que aos poucos vão levando o professor para a autonomia da ação de ensinar mediada pelas tecnologias, surgindo, assim, um perfil docente criador e construtor, ainda pouco discutido nos cursos de formação inicial ou continuada”. É urgente, portanto, que cursos de graduação, licenciaturas e programas de formação continuada ampliem a discussão e a prática relacionada às tecnologias educacionais, preparando o professor para atuar nesse novo cenário.

A iniciativa individual do professor não é suficiente para o sucesso da Sala de Aula Invertida. A metodologia depende de infraestrutura adequada: equipamentos, acesso à internet, ferramentas digitais e suporte técnico para a produção de materiais e resolução de problemas técnicos. Essa realidade é ainda mais desafiadora em instituições públicas, que frequentemente não recebem investimentos suficientes para estruturar suas unidades ou oferecer formação continuada de qualidade. Para superar essa barreira, é necessária a articulação entre poder público, instituições de ensino e iniciativa privada, visando ampliar o acesso a recursos tecnológicos e promover inovação educacional.

Para atuar com a Sala de Aula Invertida, o professor precisa desenvolver um conjunto de competências que vão além do domínio do conteúdo. A literatura aponta como essenciais as seguintes características:

1. **Professor pesquisador:** Uma das competências mais importantes é a atuação como pesquisador. Esse profissional busca constantemente atualizações, conhece a realidade dos seus alunos, identifica suas necessidades e reflete sobre a própria prática. Entende que os desafios e os erros não são falhas, mas oportunidades de aprendizado e aperfeiçoamento, que embasam decisões e melhorias no ensino.
2. **Flexibilidade e abertura ao novo:** O docente deve ser flexível, atento às transformações sociais e educacionais, e aberto a diferentes formas de ensinar e

aprender. Precisa estar preparado para lidar com a diversidade de perfis estudantis e adaptar suas estratégias conforme as necessidades que surgem no processo.

3. **Proatividade, criatividade e mediação:** Conforme Buesa (2023), o professor contemporâneo deve ser ativo, criativo, inspirador, mediador e motivador. Na Sala de Aula Invertida, a proatividade é essencial: o docente deve identificar previamente os conteúdos ou questões mais difíceis, planejar atividades que aprofundem o conhecimento e orientar o aluno em todo o percurso. Além disso, deve ser capaz de acompanhar o nível de compreensão dos estudantes, sanar dúvidas e garantir que o conteúdo seja assimilado, evitando a necessidade de retrabalhar o mesmo tema de forma repetitiva.

4. **Comunicação e motivação:** A comunicação é um elemento central. O professor deve motivar os alunos a estudarem os conteúdos antes do encontro presencial, pois essa etapa é a base para todas as discussões, atividades e avaliações que ocorrem posteriormente. A capacidade de engajar e estimular o interesse do estudante é, inclusive, um dos fatores que determinam o sucesso da metodologia.

MÉTODOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e abordagem descritivo-analítica. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi produzido sobre determinado assunto.

O procedimento metodológico adotado consistiu nas seguintes etapas:

1. **Levantamento bibliográfico:** realizou-se uma busca por produções científicas publicadas em periódicos, livros, anais de eventos e bases de dados acadêmicas (como SciELO, Google Acadêmico e CAPES), utilizando os descritores: "Sala de Aula Invertida", "Flipped Classroom", "Metodologias Ativas", "Papel Docente" e "Tecnologias Educacionais".

2. **Seleção e leitura do material:** foram selecionados materiais publicados entre 2014 e 2023, em língua portuguesa e inglesa, que abordassem os conceitos, características, desafios e o papel do professor na implementação da Sala de Aula Invertida. A seleção priorizou obras de autores de referência na área, como Valente (2014), Diesel, Baldez e Martins (2017), Schneiders (2018), Pavanelo e Lima (2017) e Buesa (2023).

3. **Análise e síntese:** após a leitura aprofundada, procedeu-se à análise crítica e à síntese das informações, organizando-as em categorias temáticas: definição da metodologia, seus principais desafios e as competências docentes necessárias para sua aplicação. Os dados foram interpretados à luz do referencial teórico, estabelecendo relações entre os diferentes autores e construindo uma reflexão coesa sobre o tema.

A escolha pela revisão bibliográfica justifica-se por ser o método mais adequado para atingir o objetivo central do estudo: conceituar, descrever e refletir sobre os desafios e as possibilidades da Sala de Aula Invertida, bem como discutir o papel docente nesse cenário, a partir do conhecimento já consolidado pela comunidade acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material bibliográfico selecionado permitiu identificar e discutir os principais pontos que caracterizam a Sala de Aula Invertida enquanto metodologia ativa, os obstáculos para sua implementação e as competências imprescindíveis ao professor. A seguir, os resultados são apresentados e discutidos à luz do referencial teórico.

1. A Sala de Aula Invertida: uma análise conceitual

Os resultados da revisão bibliográfica confirmam a Sala de Aula Invertida como uma abordagem pedagógica que ressignifica os tempos e espaços de aprendizagem. Conforme apontado por Valente (2014), a inversão proposta coloca o aluno como agente ativo no processo de construção do conhecimento, ao passo que o docente assume a função de mediador, orientando as atividades práticas e reflexivas em sala.

Essa estrutura, que se contrapõe ao modelo tradicional de ensino, está alinhada com as necessidades educacionais contemporâneas, que exigem maior flexibilidade e autonomia.

A análise das obras de Schneiders (2018) e Munhoz (2019, apud Buesa, 2023) evidencia que a metodologia não se restringe ao uso de tecnologias, embora estas sejam um recurso potencializador. A essência da proposta está na inversão da lógica: o contato inicial com o conteúdo ocorre fora do ambiente presencial, permitindo que o tempo em sala seja dedicado à aplicação, análise, síntese e avaliação do conhecimento, o que é corroborado por Diesel, Baldez e Martins (2017) ao defenderem a importância da construção conjunta do saber. Este achado é fundamental para desmistificar a ideia de que a Sala de Aula Invertida depende exclusivamente de vídeos ou plataformas digitais, destacando sua natureza pedagógica e não meramente tecnológica.

2. Desafios para a implementação: da cultura à infraestrutura

Os resultados obtidos na literatura apontam para uma gama significativa de desafios, que podem ser agrupados em três dimensões principais: cultural, formativa e estrutural.

Na dimensão cultural, os estudos de Bishop e Verleger (2013, apud Pavanelo & Lima, 2017) e Pavanelo e Lima (2017) destacam a resistência à ruptura com o paradigma tradicional da aula expositiva, tanto por parte de professores quanto de alunos. Essa cultura enraizada, na qual o professor é o centro do processo e o aluno é um receptor passivo, representa um dos maiores entraves, pois a Sala de Aula Invertida exige um reposicionamento de ambos os atores. A discussão aponta que, para superar essa barreira, é necessário um processo de conscientização e envolvimento de toda a comunidade escolar, mostrando os benefícios da metodologia para uma aprendizagem mais significativa.

Na dimensão formativa, a carência de formação inicial e continuada para o uso de metodologias ativas e tecnologias educacionais é um ponto unânime entre os autores. Buesa (2023) ressalta que as competências digitais e o perfil de "professor criador e



construtor" são ainda pouco discutidos nos cursos de licenciatura, gerando insegurança e dificuldades para a prática inovadora. Essa discussão amplia o debate sobre a necessidade de repensar os currículos de formação docente, integrando a prática com as tecnologias de forma crítica e reflexiva, e não apenas como ferramentas acessórias.

Por fim, a dimensão estrutural refere-se à falta de infraestrutura adequada, como acesso à internet, equipamentos digitais e suporte técnico. A discussão deste ponto, levantada por diversos autores, é particularmente crítica no contexto das escolas públicas, onde a desigualdade de acesso a recursos tecnológicos pode inviabilizar a implementação da metodologia. Isso reforça a necessidade de políticas públicas e investimentos que garantam condições mínimas para a inovação, alinhando-se ao que é discutido sobre a importância da articulação entre poder público e instituições de ensino.

3. O papel e as competências do docente

A discussão sobre o perfil do docente para atuar na Sala de Aula Invertida é um dos pontos mais relevantes emergentes da revisão. Os resultados apontam que o professor deve ser muito mais do que um transmissor de conteúdo; ele precisa incorporar um conjunto de novas competências.

A competência do professor pesquisador é central e está ancorada na ideia de que o profissional deve refletir sobre sua própria prática, identificar dificuldades e buscar soluções, aprendendo com os desafios (Diesel, Baldez e Martins, 2017). Essa postura investigativa o torna mais apto a adaptar a metodologia à realidade de seus alunos, tornando o processo mais eficaz.

Ademais, a flexibilidade e abertura ao novo, a proatividade e criatividade, e a capacidade de comunicação e motivação são características frequentemente citadas. Buesa (2023) destaca que o professor deve ser inspirador e mediador, capaz de engajar os alunos para que eles realizem a etapa de estudo prévio, fundamental para o sucesso da metodologia. A discussão revela, portanto, que o êxito da Sala de Aula Invertida está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento dessas competências

socioemocionais e pedagógicas, que vão além do domínio técnico-científico da disciplina.

4. Síntese e implicações para o ensino híbrido

Em síntese, os resultados da revisão apontam a Sala de Aula Invertida como uma estratégia promissora, mas que exige um esforço coletivo para superar desafios enraizados. A discussão sobre suas potencialidades e dificuldades é especialmente pertinente no contexto do ensino híbrido, uma modalidade que ganhou força após a pandemia de Covid-19. Conforme Schneiders (2018), a metodologia contribui para criar espaços de aprendizagem que transcendem os muros da escola, integrando o presencial e o digital de forma orgânica.

A literatura consultada converge para a ideia de que a Sala de Aula Invertida não é uma solução mágica, mas uma ferramenta poderosa quando bem planejada e executada. Seu sucesso depende de um professor comprometido com sua própria formação, de uma instituição que ofereça suporte, e de alunos que sejam estimulados a assumir a responsabilidade por sua aprendizagem. As discussões aqui apresentadas fornecem subsídios para que educadores e gestores possam refletir sobre os passos necessários para a implementação efetiva dessa metodologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Sala de Aula Invertida evidencia que essa metodologia redefine os papéis na educação: o estudante assume o protagonismo, sendo responsável por estudar conceitos e teorias antes do encontro presencial, o que exige dele foco, organização e autonomia. Ao mesmo tempo, ele não está sozinho: o professor atua como mediador, orientador e motivador, apoiando a construção do conhecimento em todas as etapas.

Os desafios identificados, especialmente a falta de estrutura tecnológica e a insuficiência de formação docente mostram que a implementação efetiva depende de ações coletivas: investimentos em infraestrutura, programas de formação continuada



e mudanças na cultura educacional. O docente, por sua vez, precisa desenvolver competências como pesquisa, flexibilidade, domínio tecnológico, comunicação e capacidade de motivar, características que definem o perfil profissional necessário para essa prática.

Por fim, conclui-se que a Sala de Aula Invertida é uma estratégia relevante e alinhada às demandas atuais, especialmente no contexto do ensino híbrido. Quando bem aplicada, contribui para uma aprendizagem mais significativa, autônoma e conectada com a realidade dos estudantes, preparando-os não apenas para conteúdos escolares, mas para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

BUESA, N. Y. A Sala de Aula Invertida ou Flipped Classroom. [e-book]. Flórida: Must University, 2023.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: Uma abordagem teórica. Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MUNHOZ, A. S. Aprendizagem ativa via tecnologias. [livro eletrônico]. Curitiba: Intersaberes / Biblioteca Must University, 2019.

PAVANELO, E.; LIMA, R. Sala de Aula Invertida: a análise de uma experiência na disciplina de Cálculo I. Bolema, v. 31, n. 58, p. 739-759, 2017.

SCHNEIDERS, L. A. O método da sala de aula invertida (flipped classroom). 1. ed. Lajeado: Editora Univates, 2018.

VALENTE, J. A. Blended Learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. Educar em Revista, Edição Especial, n. 4, p. 79-97, 2014.



Redeemer
JOURNAL

Revista Interdisciplinar Redeemer de
Ciências e Educação — RIRCE